

*Se o corpo é um museu vivo, somos todos criadores de suas obras, conservadores delas, curadores das nossas exposições, mediadores culturais, historiadores da nossa arte, mas sempre, necessitamos fechar o ciclo com outro elemento externo, o público, aquele que completa a obra, que interage que manipula, que olha que emite opinião. Necessitamos sempre do olhar de fora, do especialista, daquele que julga pertinente, do discurso competente. No caso da arteterapia, necessitamos da mediação do sujeito chamado arteterapeuta.*

**Robson Xavier da Costa**

# Corpo museu: imagens entre fronteiras

## *Museum body: images across borders*

ROBSON XAVIER DA COSTA\*

### Resumo

Esse trabalho compreende um ensaio teórico sobre as imagens e o lugar do corpo na relação entre a arte e o processo arteterapêutico, buscando compreendê-lo como um espaço de aprendizagem e repositório das marcas do tempo, ou seja, um museu vivo. De forma ampla, objetivamos entender o lugar do corpo na representação artística contemporânea e sua pertença simbólica no *setting* arteterapêutico, utilizando como método a revisão bibliográfica. Tentamos construir um percurso teórico sobre a presença do corpo no discurso sobre a arte e sobre a arteterapia, ao longo dos estudos de Paín (2009), Rouge (2003), Sontag (2009) e Da Costa (2010), instigando o debate sobre a problematização do corpo entre as fronteiras do conhecimento.

**Palavras-chave:** Corpo. Arteterapia. Museu. Artes Visuais.

### Abstract

This work comprises a theoretical essay on the images and role of the body in the relationship between art and the art therapy process, attempting to conceive it as a learning setting and a repository of time signs, ie, a living museum. In a broad sense, this study aims at unraveling the place of the body in contemporary artistic representation and its symbolic role in art therapy setting. By reviewing literature, it tries to build a theoretical explanation about the presence of the body on the discourse related to art and art therapy. Taking into consideration the studies of Pain (2009), Rouge (2003), Sontag (2009) and Da Costa (2010), it prompts debate about the body subject on the frontiers of knowledge.

**Keywords:** Body. Art Therapy. Museum. Visual Arts.

---

\* Mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil; Doutorando em Arquitetura e Urbanismo pela PPGAU/UFRN, Natal, Brasil; Bolsista de Doutorado pelo Programa Erasmus Mundus da União Européia, Uminho, Portugal; Líder do Grupo de Pesquisa em Arteterapia e Educação em Artes Visuais pelo GPAEAV/UFPB/CNPq; Docente do Departamento de Artes Visuais da UFPB, João Pessoa, Paraíba, Brasil; Email: [robsonxcosta@yahoo.com.br](mailto:robsonxcosta@yahoo.com.br)

## 1. Introdução

*An idea is a point of departure and no more. as soon as you elaborate it, it becomes transformed by thought<sup>1</sup>.*

Pablo Picasso

O principal instrumento humano de comunicação com o mundo é o corpo, organismo complexo que serviu de modelo para inúmeros experimentos científicos ao longo do desenvolvimento da civilização, desde a criação de máquinas que imitavam a fisiologia orgânica dos movimentos voluntários e/ou involuntários dos órgãos humanos, por exemplo, o funcionamento do olho, como é o caso da máquina fotográfica. Todos os inventos humanos, geralmente, têm como finalidade a otimização do uso do corpo e do seu bem estar.

A história está repleta de casos de desrespeito ao corpo, que muitas vezes foi assolado, esfolado, maculado, humilhado, posto à prova em função de determinados princípios políticos, econômicos, sociais e culturais que permeiam a história das civilizações. Usado como determinante de status social, o corpo humano, foi vítima de crimes bárbaros, em função da manutenção do poder de poucos, tais como os inúmeros crimes cometidos pelos Maias ao arrancar o coração dos inimigos em rituais públicos, passando pela queima as bruxas pela Santa Inquisição Católica, no período medieval, pela dominação cruel, durante o período escravocrata nas Américas, quando inúmeros seres humanos foram tratados como meras mercadorias e relegados a uma vida abjeta, até o profundo pesar da dominação nazista sobre os judeus, um dos maiores atentados sobre a vida humana em todos os tempos; tudo recaia sobre o corpo daqueles considerados diferentes do grupo dominante, assim foi, e assim continua sendo em inúmeras partes do globo.

Nosso interesse neste artigo é compreender como o corpo pode ser visto ou como se encontra no processo arteterapêutico, como a arte e a terapia pensam e tratam esse corpo. Pensando principalmente em relação aos espaços entre fronteiras, em meio à possibilidade da dominação política e/ou ideológica, socioeconômica e cultural e as formas de resistência, buscamos compreender que todo ser humano tem o direito de assumir seu corpo e ter seu espaço de expressão garantido em meio às inúmeras adversidades da vida, impostas pelas necessidades da sobrevivência imediata e pelas formas veladas de domínio cultural, buscando garantir o direito de sonhar e imaginar de cada um, característica central da natureza humana, e necessidade imediata para a manutenção da vida.

A arte e a arquitetura sempre foram palco para a divulgação de muitas ideias que em sua maioria refletiam os interesses de uma pequena classe, seja dos intelectuais pequenos burgueses ou dos grandes líderes que pagavam caro pela construção de uma imagem para a história, correspondendo, geral-

<sup>1</sup> Uma ideia é um ponto de partida e nada mais. Logo que elaborá-la, ela se transforma pelo pensamento. Pablo Picasso (apud SONTAG, 1961) Tradução livre do autor do original em língua inglesa.

mente, àquilo que era desejável ficar para a posteridade. No entanto, na arte, o poder da contestação, da quebra de barreiras, de convenções, a irreverência, a ironia, o humor, o feio, o grotesco, sempre estiveram presentes, algumas vezes de forma velada, outras explícita, mas sempre lá, permanentemente.

O corpo muitas vezes é palco para o registro das marcas arraigadas da dominação cultural, dominação na maioria das vezes autoimposta, introjetada. Essa situação nos remete a uma frase de Ana Mae Barbosa proferida na sua palestra durante a Conferência Internacional de Mediação em Museus da Culturgest, realizada em novembro de 2010 em Lisboa, "Diferente daqui [referindo-se a cultura européia], no Brasil a pobreza é introjetada no corpo, incorporada, é visível". Em que medida esse corpo é reflexo das inúmeras experiências de vida que cada um carrega ao longo da existência, suas crenças, seus valores, sua cultura, suas escolhas? Ou até que ponto, essa dominação está marcada no próprio corpo, como marcas visíveis de expressão ou mesmo a falta delas?

Parece-nos que, tal como um baú, onde organizamos cuidadosamente nossas memórias, o corpo humano também guarda em si mesmo as marcas do tempo e as escolhas da vida; essas relações podem ser compreendidas da mesma maneira que concebemos a imagem de um museu, ou seja, como um lugar da guarda de um acervo raro, único. No corpo, esse acervo é guardado em forma de memórias e imagens vividas. Tal qual a concepção contemporânea de museu, o corpo humano está em permanente transformação, refletindo a situação mental e física daquele que o habita. Nada escapa a seu registro. O implacável tempo desenha diariamente novas rugas e memórias. O corpo, portanto, pode ser considerado como exemplo de um museu vivo.

Neste ensaio, pretendemos nos aproximar das formas de abordagem do corpo na perspectiva da arte e da arteterapia, procurando compreender o seu lugar e as possibilidades de compreensão da natureza humana, relativas a toda forma de expressão entre fronteiras.

## 2. Corpo a construção do lugar da experiência

Pensar o corpo no mundo contemporâneo é um exercício deveras complexo, mas para começar, poderemos tentar entender como esse corpo está presente nas ideias de um dos principais pensadores contemporâneos, Michel Foucault (1997). Para esse autor, principalmente na obra "Vigiar e punir", o corpo é compreendido como matéria, conjunto de elementos físicos, um invólucro histórica e culturalmente moldável, passível de ser trabalhado por técnicas políticas e socioculturais. Pode-se afirmar que Foucault chega a fazer uma história política do corpo.

Sua contundente abordagem sobre o corpo institucionalizado tem gerado inúmeros estudos sobre questões de sexualidade e poder, na escola, nos hospitais, nas instituições psiquiátricas, nas penitenciárias, até mesmo na família, lugares que historicamente trabalham para dominar e moldar o corpo às regras sociais estabelecidas.

*Dentre outras coisas, a produção de Foucault estimula a analisar o corpo em seus confrontamentos com outros corpos, no nosso cotidiano escolar, familiar, social, “público” e “privado”. Os estudos de Foucault podem ajudar a compreender bem os mecanismos, primordialmente históricos, de continuidades e rupturas vivenciadas por esse corpo (MENDES, 2006, p. 169).*

Se para Foucault o corpo está atrelado à experiência pessoal total do sujeito no meio em que está inserido e ligado invariavelmente a sua cultura de origem, as ligações sociais e culturais ficam impressas na sua superfície, e são carregadas ao longo da existência humana. Elemento de tensão e desassossego, o corpo tem sido moldado literalmente no mundo contemporâneo a partir da noção da prótese. Desde tempos remotos os seres humanos desenvolvem próteses para facilitar o domínio do meio, para prolongar o corpo e suas habilidades, damos o nome a isso de meios tecnológicos, que cada vez mais tornam-se imprescindíveis para a vida humana no planeta.

Consideramos próteses, desde o uso de um simples óculos de grau, que permite a ampliação ou correção da visão, até o uso de partes mecânicas no próprio corpo, como o marca passo, ou as pernas artificiais, passando pelas próteses de silicone e pelo botox, formas de manipulação agressiva sobre o corpo físico, que refletem as imposições sociais de modelos pré estabelecidos como padrões de beleza.

As ideias de Foucault continuam atuais no século XXI, apesar das inúmeras mudanças sociais, econômicas, culturais e políticas ocorridas, que influenciam diretamente o lugar e a forma de estar do corpo. Embora as antigas regras disciplinares institucionalizadas tenham sido burladas e mesmo modificadas, outras vieram substituí-las, estas de forma mais sutil, estão entranhadas na malha social e cultural de cada povo ou nação. Para além das instituições, existem formas ocultas de dominação social do corpo, que ainda são severamente punidas em atos, expressões e oralidades.

Entre os séculos XVIII e XIX, período estudado por Foucault, a disciplina institucionalizada do corpo passava pelas políticas de legitimação das práticas sociais. Domar o corpo e moldá-lo às formas aceitas era o caminho tido como possível. Evidente que essas normas estavam balizadas na formatação de um padrão de corpo do homem, branco, europeu e heterossexual, tudo o que fugisse dessa estrutura era passível de censura. No mundo contemporâneo essas regras foram radicalmente modificadas, uma ampla abertura capitaneada pela contracultura dos anos 1960 e 1970, pelo feminismo e pela abertura proposta pelo multiculturalismo em todo o mundo, apoiando a questão étnica, de gênero e social, abriu caminho para a eclosão definitiva de outros corpos, já historicamente presentes, mas sempre colocados à margem, como as mulheres, os negros, os índios e os homossexuais, que passaram a falar, a exibir seu corpo em todos os recantos do mundo e nas redes sociais da internet.

No entanto, o que permanece é o discurso sobre o corpo, é preciso descrever, falar sobre, para fazer viver os valores. Na arte, assim como na psicoterapia, o corpo deve ser expresso pela palavra ou por meio das imagens, todas as formas de representação passam pelas possibilidades de exteriorizar, tornar público, um discurso sobre o corpo, seja visual, sinestésico ou oral.

*A conduta de d'Orlan<sup>2</sup> é particularmente original: esta bela mulher decidiu muito cedo dar o corpo à arte, ou pelo menos o rosto. Fazendo-o ser submetido a uma quantidade de operações de cirurgia estética, demonstra a sujeição ao modelo de beleza que a nossa civilização ocidental impõe às mulheres. Orlan censura o imperialismo do cânone da beleza (...) as suas "operações performances" são realizadas frente às câmeras, que as transmitem direto por satélite para todo o mundo. Orlan lê poemas ou textos filosóficos, mandou os maiores costureiros costurarem os fatos dos cirurgiões, transformando assim a sala de operações num lugar de criação artística através de uma cenografia minuciosamente orquestrada. (...) diz Orlan, "questionar" o "pronto-a-pensar". A minha obra luta é contra o inato, o inexorável, o programado. Considero o corpo obsoleto (ROUGE, 2003, p. 37).*

Na prática da arteterapia esse corpo é (re) significado e mediado pela imagem, que hora simboliza, hora incorpora as inúmeras cicatrizes desenhadas na sua superfície física ou psíquica pelas experiências conscientes e inconscientes do sujeito. Estudar a relação corpo com a arteterapia é embrenhar-se nas entranhas do ser e do saber ser sobre o mundo.

### 3. Corpo como museu vivo e a arteterapia

O corpo como um invólucro de práticas socio-históricas e culturais segundo Foucault, passou contemporaneamente a assimilar relações presentes no meio dominante do mundo do capitalismo globalizado, tornou-se bandeira de luta, e cabide para as mais extravagantes experiências, sejam artísticas ou de outra natureza. O corpo, principalmente dos jovens, aparece cotidianamente nas ruas das pequenas e grandes cidades como um manifesto vivo de suas novas crenças e valores, seja para chocar ou agredir, seja para se impor frente às convenções, gritando seu protesto visual frente à sociedade e à hipocrisia.

Desta forma, compreendemos o corpo contemporâneo com um espaço

<sup>2</sup> Orlan é professora permanente da *École Nationale Supérieure d'Arts Paris-Cergy*. Regularmente convidada por universidades e instituições para dar palestras e *master-classes*. Explora diferentes técnicas, como fotografia, vídeo, escultura, instalação, performance, biotecnologias, trabalhando principalmente com a *Body Art*.

expositivo, literalmente um museu vivo, passível de inúmeras transformações cotidianas e em permanente e contínuo processo de envelhecimento, se “a palavra *exposição* também vem do latim – *exponere* – isto é, “por para fora”, “entregar à sorte” (GONÇALVES, 2004, p. 13) então podemos compreender as tentativas de se impor ou tornar-se visto por meio da expressão do próprio corpo frente ao meio, como uma exposição em potencial.

*De certa forma, a arte contemporânea, na qual a obra é entendida apenas como fenômeno, postula uma estética artística “pura”. Mas ao mesmo tempo, quando não representa nada, a obra de arte torna-se um objeto do mundo e não mais uma ficção que atua como simulacro de uma coisa (PAÍN, 2009, p. 14).*

Se segundo Paín a arte passou a ser objeto do mundo, e se consideramos o ato de expor como essencial para a criação do museu como instituição cultural, o ato de expor-se em público, utilizando para isso o próprio corpo como veículo político e cultural, é um ato fundante para a criação de um museu-corpo.

*Em todos os momentos, e em todo lugar, a exposição aparece como pressuposto-chave da ideia de museu é o meio pelo qual são reunidos e resgatados objetos carregados de informação cultural para uma recepção determinada (GONÇALVES, 2004, p. 14).*

Cada vez mais o corpo absorve os adornos, adereços e vestuário que possam identificar as diversas tribos urbanas. Pela visualidade de cada pessoa é possível identificar traços de sua cultura, posição política, religiosidade, opção sexual, raça e gênero.

Esse corpo está constantemente em revisão, em transformação do nascimento à morte, mudamos diariamente, nunca somos nem seremos os mesmos, esse processo perecível de continuidade da vida, que carregamos como um carma ao longo de nossa existência pode ser um rico material de trabalho para o arteterapeuta.

Se a vida é um processo contínuo de transformação, é possível rever etapas psíquicas e retomar as pontas dos novos guardados, ou esquecidos inconscientemente, e refazer o traçado da linha da vida. A arteterapia permite que o corpo seja vivido e significado inteiramente no *setting*. Ao trabalhar com o simbólico e o visual, o arteterapeuta tem nas mãos um conjunto de ferramentas que possibilitam ser o mediador do processo de descobertas sobre o si mesmo e a relação com o mundo. “No museu, exposições, publicações e programas de formação precisam estar em constante revisão quanto a conteúdos e forma de apresentação” (GONÇALVES, 2004, p. 98). Na vida cotidiana essa revisão ocorre em diversos níveis e o corpo é o veículo para que ela se concretize.

*Os exemplos de artistas que põem a sua própria vida no âmago da sua arte não faltam. É aquilo que chamamos de museus imaginários ou pessoais (ou ainda narração auto-fictícia) (...) Uma das particularidades da arte de hoje é o fato de o artista aceitar que a sua obra não seja durável. O desejo de ancorar o seu trabalho no tempo não é forçosamente uma preocupação dos artistas contemporâneos, que aceitam frequentemente seu aspecto perecível, como a brevidade das suas existências pessoais (ROUGE, 2003, p. 30 - 33).*

O arteterapeuta, estando entre a imagem e o sujeito, hora aparece como a figura do *voyeur*, hora como o curador que escolhe e aponta questões. No *setting* arteterapêutico o corpo deve ser acolhido em suas várias dimensões, aceito e estimulado para o processo criativo, favorecendo a conexão dos conteúdos simbólicos inconscientes com o universo consciente humano, mediados pelos símbolos e imagens.

*O voyeurisme não é novidade na arte, é até frequentemente um motor essencial da criação; atingiu simplesmente um nível muito mais elevado. Esta forma de criação atual revela e corresponde a uma realidade: o sofrimento dos corpos e a violência da sexualidade. A colocação em cena do corpo humano de forma provocante continua a ser o modo mais eloquente para exprimir esse mal estar (ROUGE, 2003, p. 38).*

Se o corpo é um museu vivo, somos todos criadores de suas obras, conservadores delas, curadores das nossas exposições, mediadores culturais, historiadores da nossa arte, mas sempre, necessitamos fechar o ciclo com outro elemento externo, o público, aquele que completa a obra, que interage que manipula, que olha que emite opinião. Necessitamos sempre do olhar de fora, do especialista, daquele que julga pertinente, do discurso competente. No caso da arteterapia, necessitamos da mediação do sujeito chamado arteterapeuta.

## 4. Considerações finais

Considerando que vivemos em uma sociedade de choques culturais, imersos em cenários sociais pós-coloniais, em que uma das questões emergentes é como manter a singularidade cultural em meio à globalização do conhecimento, questões que passam pela prerrogativa do multiculturalismo, e que nos remetem a necessidade da re-educação dos afetos e da minimização do *apartheid* sociocultural, nos perguntamos, qual o lugar da arteterapia nesse processo?

O que a arteterapia propõe a partir da sua prática transdisciplinar e multicultural é o desenvolvimento e aplicação de um olhar cosmopolita, tratando as pessoas e suas culturas simultaneamente como iguais e diferentes. Ao

lidar com múltiplas formas de conhecimentos, o arteterapeuta necessita desenvolver um olhar aberto, múltiplo e plural, frente ao mundo exterior e às demandas inconscientes, tem que co-habitar com as diferenças e aprender com elas.

*A arte como um campo de conhecimento humano rico em símbolos e significados permite a eclosão de uma linguagem não verbal, possibilitando a comunicação por meios pouco explorados na educação geral. (...) permitindo que pessoas socialmente marginalizadas possam produzir uma nova forma de ser e estar no mundo (DA COSTA, 2010, p. 61).*

Temos que compreender e aplicar na nossa *práxis* que não existe uma única forma de olhar para o mesmo problema, nem uma única maneira de resolvê-lo, é preciso experimentar continuamente, tentar sempre, olhar de outra maneira, sempre que possível, fugir do convencional, respeitar as respostas divergentes. É preciso ouvir sempre o murmúrio do riacho, e também o farfalhar das águas do rio, estar atento aos detalhes, aos sinais, por mais simples que sejam todos são pistas que podem nos levar a grandes estradas, é preciso seguir o paradigma indiciário (GUINZBURG, 1990) para recriar essas histórias.

Segundo Rouge (2003, p. 34) "O artista atual põe de boa vontade a sua vida, a vida de todos os dias, em cena no seu trabalho". Da mesma forma o arteterapeuta tem contato todos os dias com o universo pessoal do cliente, com sua construção simbólica cotidiana e pode compreender como ele organiza em suas prateleiras mentais os conteúdos psíquicos, tornando-se um agente facilitador no acesso aos dados que estão aparentemente inalcançáveis.

*A work of art may contain all sorts of information and offer instruction in new (and sometimes commendable) attitudes. (...) But so far as we deal with these works as work of art, the gratification they impart is of another order. It is an experience of the qualities or forms of human consciousness (SONTAG, 2009, p. 27)<sup>3</sup>.*

Se for possível acessar as qualidades ou formas da consciência humana no contato com a obra de arte, também é possível que o sujeito do processo arteterapêutico, coloque-se na mesma posição do museu aberto, em que é possível ter contato com seus labirintos e salas de exposições internas; mas nem sempre, ter contato com a reserva técnica, geralmente, guardada longe dos olhos da multidão, palco dos acontecimentos mais significativos da vida humana.

<sup>3</sup> Uma obra de arte pode conter todos os tipos de informações e instruções e oferecer novas (e às vezes louváveis) atitudes. (...) Mas assim que lidamos com essas obras como obra de arte, a gratificação que eles possibilitam é de outra ordem. É uma experiência das qualidades ou formas de consciência humana (SONTAG, 2009, p. 27). Tradução livre do autor do original em língua inglesa.

Assim como “o museu e sua atividade acabam sendo avaliados não só pelo rigor de seu conteúdo de informação interna, mas também pela habilidade com que se apresenta o referido conteúdo” (GONÇALVES, 2004, p. 98-99), o sujeito da prática arteterapêutica também pode ser avaliado pelos sinais que expressa no seu contato com a arte, no fazer criativo contextualizado, significativo e nas formas de superação dos complexos simbólicos pessoais e coletivos que enfrenta.

## Referências

DA COSTA, Robson Xavier (Org.). **Arteterapia & educação inclusiva: diálogo multidisciplinar**. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

EÇA, Teresa; MASON, Rachel. **International dialogues about visual culture, education and art**. Chicago, USA: The University Chicago Press, 2008.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário In: \_\_\_\_\_. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. **Entre cenografias: o museu e a exposição de arte no século XX**. São Paulo: Edusp/FAPESP, 2004.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

MENDES, Cláudio Lúcio. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 39, p. 167-181, abr. 2006.

PAÍN, Sara. **Os fundamentos da arteterapia**. Trad. Giselle Unti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ROUGE, Isabelle de Maison. **A arte contemporânea**. Trad. Joana Rosa. Lisboa: Editorial Inquérito, 2003.

SONTAG, Susan. **Against interpretation and other essays**. London, England: Penguin Group, 2009.